

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semestre — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 77 11 DE FEVEREIRO 1881	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$500	1\$900	6950	8120		
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-8-		
Estrangeiro (união geral dos correios),	5\$000	2\$500	-8-	-8-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-8-	-8-		

AVISO

É correspondente d'esta enpreza em Madrid, o sr. D. Federico Real y Prado, Calle de las Fuentes 13, 2.º

O João Thommeray pela sua excepcional mise-en-scene no theatre de D. Maria tem direito incontestavel a figurar entre os acontecimentos de Lisboa. A critica da peça e do desempenho

pertence a outra secção do OCCIDENTE, mas a chronica não pôde deixar de registrar os grandes progressos, a notavel evolução que o João de Thommeray marca na maneira de representar e de pôr as peças em scena, em Portugal.

BELLAS-ARTES

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — Viagens dos sr. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAER. — As nossas gravuras — A Tomada de Quilloa, CUNHA e Sa. — Um Desenho Inedito de Barbosa Lima, XAVIER DA CUNHA. — Expulsão dos Jesuitas, FIALHO DE ALMEIDA. — Publicações.

GRAVURAS. — Cabeça de Impressão, quadro de Sousa Pinto, premiado no concurso da Academia de Bellas-Artes do Porto — Inundações em Santarem, o Tejo em Santarem, Praça da Erva na Ribeira de Santarem, Santa Iria na Ribeira de Santarem, No Alfange — Typos dos Theatros, o Contra-regra, o Ponto—João Barbosa Lima — Viagem de Exploração na Africa Equatorial, Soba de Quiloca N'Dumba Atembo, N'Dumba Chiquilla, Este do Cu-ango — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começemos por falar do João Thommeray: era por isto que acabavamos a nossa ultima chronica, mas a falta d'espaco obrigou-nos a addiar o assumpto.



CABEÇA DE IMPRESSÃO

Quadro de Sousa Pinto, premiado no concurso de pintura historica na Academia de Bellas Artes do Porto (Desenho do mesmo auctor)

Tudo o que se vê na peça de Angier em D. Maria é tão diferente do que costumamos a ver nos nossos theatros que, pela primeira vez na sua vida o theatre de D. Maria entra no seu papel de theatre modelo, papel que o paiz lhe destinára desde a sua edificação, mas que elle só agora começa a representar.

Nos theatros de declamação portuguezes tem havido sempre uma completa indifferença pelo scenario, pelos adereços de scena, por todo o meio em que se passam as acções dramaticas.

Entendia-se que só nas chamadas peças de espectáculo havia a attender ás vistas, á mobilia, ao guarda roupa; em um drama sendo passado na actualidade, as empresas faziam-os passar em qualquer sala de reles papel pintado, com a mobilia velha e esburacada em que se tem sentado todas as ingenuas, todos os paes nobres do repertorio moderno, e nunca ninguém se lembron que o boudoir riquissimo d'uma cocotte em voga, é inteiramente diferente d'uma sala do velho faubourg de S. Germain, ou da saleta d'um segundo official de qualquer secretaria do Terreiro do Paço.

E isto passava como coisa assente nos theatros de Lisboa, e ao passo que em França, o scenario, os adereços preocupavam extraordinariamente os

auctores, os empregados, e os criticos, nos palcos lisboetas conservava-se quasi que a primitiva *mis-en-scene* theatral, e se não havia letrados a dizer que isto é *uma floresta*, isto é *um jardim*, isto é *uma sala riquissima*, o publico só percebia que a scena representava uma sala luxuosissima, quando ouvia a dama central exclamar: *Ah! todo este luxo me esmaga!*

O theatro de D. Maria rompeu valentemente com esta tradição reles e esburacada e começou a executar os scenarios e as rubricas dos auctores.

Foi uma completa revolução nos nossos usos theatraes.

A *Estrangeira* deixou todos deslumbrados, o João Thommeray veio continuar brilhantemente o deslumbramento.

Esta revolução é tanto mais difficil quanto faltam no nosso paiz os elementos necessarios para a coadjuvarem. Mas em summa, a briosa empreza de D. Maria tentou-a com muito boa vontade, com muita energia, e se aos primeiros passos não fez tudo, conseguiu progressos espantosos que são verdadeiros milagres.

A critica do drama e do seu desempenho não nos pertence a nós fazel-a, e registando apenas aqui com todo o elogio a epoca de reabilitação theatral de D. Maria, que a *Estrangeira* e o João Thommeray encetaram esplendidamente, vamos lembrar rapidamente os factos que mais occuparam Lisboa durante os ultimos dez dias.

— A politica mereceu durante tres ou quatro dias todas as attentões lisboetas com a discussão da resposta ao discurso da corda na camara dos pares. Houve por essa discussão todo o interesse palpitante que desperta uma peça nova muito apregoada, mas a discussão apesar de muito apregoada não foi nova; agora o que foi, foi peça.

Disseram-se d'um lado e do outro todas as coisas que se costumam dizer todos os annos, e todos os dias, nas camaras, nos jornaes e nas conversações particulares. Houve grande aperto nas galerias de S. Bento, muito calor, muita rhetorica, a opposição tinha annuciado derrubar o governo, mas o governo ficou de pé, como ficou a maior parte da gente que foi a S. Bento ouvir os debates, mas, diga-se sem cor politica, muito menos incommodado.

Aquella excitação oratoria que produziu durante tres dias muitos discursos longos e muitas pisadas, passou como uma sezão, o horisonte politico serenou, como serenou o horisonte celeste, e os discursos lá vão continuando, porque não tem outro remedio, mas com menos enthusiasmo e muito menos ouvintes.

— Por essas horas agitadas um soldado embriagado do regimento 16, teve a desastrada idéa, sobre tudo desastrada para elle, de vir alvoraçar os animos, já muito excitados pela camara dos pares, com uma sarafusca de caserna á porta do Limoeiro, sarafusca que tomou por momentos os ares d'uma revolução.

O soldado tendo vinho demais e disciplina de menos, e estando de sentinella, insultou o seu superior, e não o insultou *só de palavras*, estylo de parte de policia, insultou-o tambem de bayoneta; accediu a municipal, a guarda a que o soldado pertencia fez menção de resistir á municipal, aqui grande barulho de apitos e de patas de cavallos a correr, uma balburdia, parecia que se acabava o mundo e no fim resumiu-se tudo apenas em rênner uma sentinella.

Este caso de insubordinação que fez n'essa noite muito ruido no Limoeiro, na Sé e nos Loyos, fez no dia seguinte tambem algum, em Lisboa, ruido que augmentou com o echo vindo de Mafra, de quasi identico caso passado com um soldado do mesmo regimento e o seu alferes.

— Outro caso que fez tambem profunda sensação na capital foi o desaparecimento do vapor *La Plata*, que vinha de Africa com duzentos passageiros e uma carga superior a trezentos contos de réis.

O vapor fôra visto d'Oitavos demandando a barra, e depois desaparecera sem que houvesse noticia alguma d'elle.

Compreende-se bem a sensação que este desaparecimento causou, e as mil phantasias lugubres a que serviu de thema. Felizmente quando já se preparavam navios do estado para ir procurar o vapor por esses mares fóra, appareceu noticia de que o *La Plata* estava em Cadiz arribado, por lhe terem negado de Lisboa piloto para entrar a barra.

O *La Plata* deixou immediatamente de ser um vapor interessante, um acontecimento, e ao mesmo tempo que apparecia em Cadiz desaparecia das conversações do Gremio.

Antes assim.

— Fugimos muito de tudo o que é necrologio, mas infelizmente temos hoje que registrar n'esta chronica uma morte que foi muito sentida, a do conselheiro Moraes Soares, director geral do commercio e industria, no ministerio das Obras Publicas.

Era um homem honrado, de muita capacidade no cargo que exercia, muito notavel na sua especialidade, e que deixou muitos amigos e muitas saudades.

— A alta sociedade de Lisboa, a sociedade elegante que tem frisas em S. Carlos, *compés* confortaveis e que dança *cotillons*, trata de se desforrar dos mezes perdidos no regimen pouco divertido de chuva todo o dia e Francelli á noite.

Havia já grandes tristezas em rostos formosos e profundos desanimos em corações juvenis. Outubro, novembro, dezembro, quasi todo o janeiro já lá iam e nem um baile, nem uma *soirée*, nem uma pequena *sauterie* divertida e alegre.

O caso não era para menos tristezas e desanimos: felizmente, agora, á ultima hora quando a primavera nos começa a espreitar lá de cima, d'um céu muito azul e muito limpido, — que já não é um céu do outomno porque não ha frio nos beijos da brisa, e ha aromas de flôres no seu halito e cantos d'ave no seu echo — chegou o momento do arrependimento das longas noites passadas sem walsa, e é um desforrar febril de contradanças, de walsas, de *cotillons*, baile na embaixada de Hespanha, baile na embaixada de Italia, baile em casa do sr. conde d'Alte, e até baile no Paço, como já se annuncia para esta segunda feira.

E as tristezas já lá vão, as senhoras que dançam e que se mostram andam contentes, e mais contentes ainda as modistas.

Se tivéssemos espaço estavamos perfeitamente aptos para fazer a descripção brilhante e minuciosa de todos estes bailes, tanto mais que não fomos a nenhum d'elles, — condição essencial para bem descrever um baile — mas falta-nos o espaço e isto é, felizmente, condição essencial para o não descrever.

GERVASIO LOBATO.

VIAGENS

DES REV.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

VII

Uma das mais terriveis cerimoniaes da investidura d'um *Jaga* no poder é a chamada *Ponte humana*.

O Soba Cacumbi Catembo tem de fornecer para ella a victima. Da sua Sanzala levam um preto enganado até junto d'um rio vadeavel de agua pouco funda. Nas margens o negro, que então conhece a sorte que o espera, conserva-se amarrado, ás vezes, durante dias.

Depois, na presença do candidato ao *Jagado*, e de uma numerosa assembléa, o preso é aberto com uma faca sempre antes que se mate, do peito ao ventre. Nas entranhas ainda quentes, mette o *Jaga* os pés; e assim, dentro d'elle como n'um barco, sustido pelos *macotas* que o não deixam cair e que conservam o cadaver do negro ao de cima d'agua, atravessa o rio d'uma margem á outra.

Distante da Sanzala do *Jaga* novo, que nunca vae habitar a do seu antecessor, n'um grande terreno vago, reúne-se então o povo. E, no centro, rodeadas, pelos circumstantes divididos em dois grupos, ha, no chão, d'um lado espingardas e armas, do outro enchadas e instrumentos de cultura. É ahí que o novo *Jaga* deve escolher o symbolo do começo do seu governo, — a guerra ou o trabalho — pegando, ao chegar, ou n'uma enchada ou n'uma arma. Ha porém sempre presentes dois partidos, cada um dos quaes espera que o *Jaga* se incline ás suas aspirações respectivamente bellicas ou laboriosas. Então, logo em seguida á escolha do *Jaga*, os dois partidos insultam-se, fazendo um ao outro surriada, com uma vozaria de ensurdecer.

O novo *Jaga* é circumeizado. E, logo depois, é admittido á presença do cadaver do seu antecessor.

Dá-se então a mais repugnante das cerimoniaes: o cadaver do *Jaga* tinha-se muito antes embrulhado em pannos e deitado no interior da sua habitação. Dentro da bocca, que se lhe entre-abre, espetam-se por essa occasião 3 grandes pennas de papagaio. Só depois começam as festas que tenho descripto e que duram cerca de dois mezes. Findas ellas o novo *Jaga* tem de ir ver o cadaver, já então, completamente decomposto. Por entre os pannos penetrados de corrosões liquidas e de vermes, ainda porém se vêem, com as carnes caindo purulentas, os dentes, as maxillas e as 3 pennas de papagaio.

O novo *Jaga* tira essas pennas d'entre os apodrecimentos fetidos do que foram beijos do seu antecessor, e mette-as na propria bocca chupando-as.

Feito isto resta apenas o investimento das *Manumas*.

As *Manumas* são a verdadeira insignia do poder entre os Bangalas. Consistem n'um collar formado por um dente de cada um dos *Jagas*, que tem vivido desde uma grande antiguidade. Sem a posse d'este collar, que se usa guardar n'uma caixa especial, o *Jaga* não pôde governar.

Os *Jagas* são tirados, por eleição dos *macotas*, d'uma de tres familias: a dos Calatchingos, a dos N'Gongas e a de Calunga.

A familia do que morre conserva as *Manumas* até á eleição do novo *Jaga*.

Mas ultimamente Dumbo, da familia dos Calatchingos, recusou entregar essas insignias e assim, os Bangalas não pôdem ter confirmado o rei que já elegeram, nem este começar a governar.

Mais ao norte, entre os parallelos 8 e 9 e tendo por centro a região sob o 17° meridiano de Greenwich, Capello e Ivens atravessaram a Jinga.

Os Jingas tem de particularmente interessante para nós, o serem os povos que os portuguezes encontraram na costa de Angola quando ahí se estabeleceram, e que d'ahi expulsaram para o interior.

Ainda hoje se chama N'Gola Quilluange Quiassamba o rei que governa nos tres grandes territorios do Dongo, onde elle habita, do Dange e de Matamba. Quiassamba, que é hoje tambem ainda o nome de uma localidade da ilha de Loanda, é o nome do que foi a primeira residencia d'esses chefes.

Os Jingas contratam alguma cera mas são pouco negociantes. Cultivam as terras e tem, sobretudo, gado.

Physicamente são menos perfeitos que os outros povos visitados mais ao sul pelos Exploradores, e, mais semelhantes, nas fórmas, aos povos do littoral.

Os Jingas são, d'entre todos os povos que os Exploradores portuguezes encontraram, os que, n'um certo sentido, dão mais valor a titulos e distincções aristocraticas. Esses titulos são numerosos.

Ha junto do rei uma especie de primeiro ministro que se designa por N'Gola N'Bole Ia Quilluange.

Vunda é o titulo mais apreciado e por isso tambem o mais caro. As outras dignidades são *Candas*, *Mama*, *Quirias*, *Dambu*, *Fundos*, *Quijillos*, *Dombos*, *Catecos*, *Capelles*, e *Quilluange*.

Os maiores rendimentos do rei da Jinga derivam dos direitos de mercê avultados, que elle recebe por cada um d'estes titulos, pagos em numerosas peças de fazendas, ou com generos de valia.

A vida passa se n'esses paizes no empenho de obter os titulos. Os homens veem ás vezes de muito longe estabelecer-se junto da Sanzala do rei e ali vivem, quasi sempre por muito tempo, trabalhando a terra, até que se lhes concede o symbolo de nobreza que é a *Cagiaga*, especie de barrete feito pelo entrançado do *mabella* (*Borassia flagelliformis*).

Um pouco mais ao norte já os Ma-Hungos são dependentes do rei do Congo.

Estes povos, extremamente selvagens, tem um pronunciado prognatismo e as formas defetuosissimas sob o ponto de vista europeu.

As mulheres andam quasi que completamente nuas. Preso a uma corda que rodeia a cintura vê-se-lhes apenas um pannio de um palmo quadrado de superficie cahido atraz, de haeta encarnada bordada a *cassungo*, (missanga miuda, e a *buzios* (*Cypria moneta*). Adiante pendem-lhes, quasi sempre, apenas umas pequenas palhas. Conservam tambem os seios descobertos, intencionalmente pendentes e amarrados com uma corda.

Capello e Ivens deram a mulheres d'esses povos fazendas, mas ellas reservavam-n'as para as creanças recusando por sua parte cobrir-se.

Os povos da Jinga usam espantosos penteados.

No alto da cabeça os cabellos juntos formam um bolço, onde esses gentios mettem os objectos mais miúdos. Os Ma-Hungos trazem porém a carapinha solta, untada com oleo e *lacula*.

Os povos que os viajantes encontraram mais ao sul limam, pela maior parte, os dentes. Os Ma-Hungos quebram sempre os incisivos.

Estão de continuo usando tabaco, já fumando-o, já, principalmente, cheirando-o. Para esse fim o tabaco é torrado, moído n'um pó que similha o nosso simonte, e conservado n'um tubo de canna.

D'ahi o tiram, como uma massa, com o carollo da *massaabala* (*sorghus*) untando o nariz apenas, ou ainda, o que é considerado como especial elegancia, todo o beijo superior.

E' pelos territorios d'esses povos que começa a apparecer a *Raphia vinifera*, palmeira rasteira d'onde se extrahê, como o nome diz um vinho de que eu ja falei.

Os Ma-Hungos negociam pouco e pastoreiam pouquissimo gado.

As terras de Iaca são os territorios extremos da viagem de Capello e Ivens. São ali os paizes que descem até ao rio Congo. Os povos Ma-Iacas occupam, até lá, as margens do Congo.

O soba mais importante d'elles chama-se Mequianvo ou Mucne Puto Cassango, phrase inexplicavel uma vez que *Mucne Puto* significa *senhor branco* e é, nos pontos em que elle se conhece, a designação do Rei de Portugal.

Os Ma-Iacas são por extremo selvagens e ferozes. As suas relações com a costa são raras a não ser por intermedio dos Ma-Sossas que negociam em viagens constantes com o Ambriz, o Mangue Grande e outros pontos.

Entre os Ma-Iacas não se veem nunca animaes que possam servir á alimentação que parece ser exclusivamente feita de mandioca e ginguba. Por isso d'aqui, para leste, a anthropophagia, a que se referem innumeras das informações que os exploradores portuguezes receberam, é sobre verosimil inteiramente provavel.

ALBERTO DE CERVAES.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Dividem-se em tres partes os trabalhos do congresso de anthropologia: discussões, excursões, obras apresentadas e recollidas.

Seguiremos a ordem das sessões, e em cada uma mencionaremos o que a ella se refere.

Foi a 20 de setembro, como já dissemos, que se realizou a sessão de inauguração do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, na sala da bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa, decorada como se vê no nosso periodico de 15 de outubro do anno passado.

El-Rei o Sr. D. Luiz e El-Rei o Sr. D. Fernando presidiam ao acto, todo o corpo diplomatico, parte do ministerio, os membros dos congressos de anthropologia e litterario enchiam o recinto dentro da tela, cavalheiros de todas as ordens da sociedade occupavam o resto da sala, e a galeria achava-se adornada de elegantes damas. Uma orchestra de eximos professores tocava os hymnos nacional, e d'el-rei e outras peças, cujo effeito era aliás prejudicado pelas más condições acusticas da sala.

O sr. João d'Andrade Corvo, que fôra, como dissemos o presidente da commissão de organização, e que na conformidade dos estatutos presidiu ao congresso, tomou a palavra pela 1 hora da tarde.

Começou por precisar quanto o estudo de anthropologia, encetado havia tão pouco, era util e necessario ao conhecimento do homem. Mostrou quanto este estudo se torna indispensavel hoje, que tão grandes philosophos e naturalistas estabeleciam como incontestavel a evolução das especies, cujas leis era da mais alta conveniencia descobrir.

Notou que desde que o quadro da historia do homem se alargou e estendeu por uma incalculavel immensidade de tempo, couvina levantar o veu, que por tanto espaço o tinha occultado.

Patenteou que rápidos haviam sido os progressos d'esta sciencia, que em tão poucos annos reconheceu a existencia do homem prehistorico, e assignava já uma grande plausibilidade á do homem no periodo terciario, admitido por Paulo Broca, facto que elle esperava achasse uma solução definitiva nos dados colligidos em Portugal pelo sr. Carlos Ribeiro.

Fallando de passagem nos moluscos, restos de cozinha (*kykenmaddings*), vizinhos do Tejo, fez notar a sua semelhança com os que tem sido estudados no norte da Europa.

Para terminar chamou a attenção do congresso sobre todos os factos que podem esclarecer nos com relação ao modo de existencia, no seio das hordas que habitaram a Europa nos tempos prehistoricos, e ao que um sabio, que lançou viva luz sobre estas questões, chamou *animismo*.

Por essa occasião disse que lhe pareciam sufficientes para apagar todas as duvidas nos espiritos que não tinham opiniões anticipadas, todas as provas accumuladas por Edward Tylor para assegurar que a asserção de que existem grosseiras hordas que não tem religião alguma, bem que possível em theoria e talvez verdadeira de facto, não assenta por em quanto em provas tão palpaveis quanto teriamos direito de exigir, tratando-se de tão extraordinario assumpto.

E fazendo notar que ha nas condições fundamentais da humanidade, uma consciencia, um lampejo religioso, uma potencia como que virtual, que faz incessantes esforços para penetrar além dos sentidos, disse que era ella a causa do *animismo* que se manifesta em grans diversos no selvagem e no homem civilizado. E acrescentou: Existia no mundo prehistorico o sentimento religioso na sua mais lata accepção? Em que idade e sob que forma se mostrou primitivamente? Que monumentos, tumulos, amuletos, ou outros podem guiar com mais segurança a sciencia n'estas indagações tão difficis quanto importantes?

Depois de apresentar estas questões, e de notar que o homem se completa pela acção simultanea de todas as suas faculdades primitivas e essenciaes, mostrou que deviamos necessariamente encontrar vestigios da existencia d'estas faculdades nas obras grosseiras do homem prehistorico, sem o que elle seria apenas um esboço de homem, inferior ainda ao selvagem dos tempos historicos. Contava por isso que, entre os monumentos archeologicos encontrados em Portugal, se achará mais de um que a este respeito merecera o interesse do congresso.

Accentuando que a humanidade é ainda muito joven, podendo dizer-se que quasi por toda a parte se achia apenas na infancia, não obstante a sciencia mostrar que ella existe sobre a terra ha milhares de milhares de annos; vendo que mais de metade do mundo está ainda mergulhada nas trevas, não tendo chegado ao estado de civilização, tal como nós a comprehendemos e vemos em torno de nós; notou que a nova sciencia de archeologia prehistorica vem provar que a humanidade se tem desenvolvido e progredido por meio de uma evolução lenta.

Assim cumpre aos que procederam os outros no caminho do progresso, vir em seu auxilio com as suas luzes com os seus esforços, e por isso que todos os homens são irmãos, o nosso dever é trabalhar incessantemente para elevar o nivel moral e intellectual de todos os povos.

E concluiu saudando em nome de Portugal todos os que se achavam aqui reunidos para trabalhar n'esta grande obra.

Em seguida o sr. Carlos Ribeiro fazendo notar que fôra em Paris, em 1878, que Lisboa fôra convidada, pelo interesse da sciencia, a ser a sede da ix sessão do congresso (como já explicámos n'um dos antecedentes artigos) disse que era a primeira vez que Portugal reunia em seu seio tão numeroso grupo de sabios, vindos de todos os pontos da Europa. Este proxer era incompleto, pois faltava um dos maiores luminares da sciencia, o illustre Broca, cuja perda deplorou. Fallou em seguida da existencia do homem na época *miocene*. Descreveu rapidamente o aspecto do paiz durante esse periodo, indicou as lascas das quartzites talladas que se encontram nas camadas depositadas, as ossadas, as pedras talladas das aluviões e cavernas quaternarias, os monticulos de conchas que inauguram a época neolithica, os dolmens tão numerosos e tão curiosos em Portugal, que parecem todos anteriores aos de outros pontos, as grutas sepulcraes, enfim escavadas pelo homem no territorio *miocene* de Palmella. Taes eram os principaes assumptos submettidos ás reflexões do congresso, que tinha de desfazer as ques-

tões duvidosas, e resolver importantes problemas relativos ás civilizações prehistoricas, á anthropologia, e a todas as sciencias.

Os applausos de todo o congresso mostraram quanto foram apreciados os discursos do presidente e secretario geral.

Depois d'isto o sr. Capellini, um dos fundadores do congresso, e presidente honorario, propoz que continuassem nas suas funções o secretario geral, sr. Carlos Ribeiro e o thesoureiro sr. Teixeira d'Aragão, o que foi unanimemente e por aclamação approvado. Em seguida apresentou a lista para a meza e conselho do congresso, em que tinham de ser representadas o maior numero de nações, e que foi tambem unanimemente approvada.

Com isto ficou encerrada a sessão de inauguração.

(Continua)

B.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA CABEÇA D'ESTUDO

Prova do concurso do sr. Sousa Pinto

Uma das provas do concurso a pensionista de pintura historica no estrangeiro, aberto em agosto ultimo na Academia Portuense de Bellas Artes foi uma cabeça, estudada do natural em 4 sessões. A gravura que hoje damos é o desenho d'essa prova feita pelo sr. Sousa Pinto, que lhe valen o triumpho no concurso e o ser despedido pensionista. A cabeça está perfeitamente estudada, com muita observação do natural, grande simplicidade de maneira e singeleza de composição. É um bello trabalho que honra o sr. Sousa Pinto e a Academia Portuense, de que elle foi discipulo.

INUNDAÇÕES EM SANTAREM

No alto de um monte alcantilado que se agiganta sobre a direita do Tejo, em frente de Almeirim, campoa a cidade de Santarem, a forte cidade romana, goda, mussulmana, tornada christã pelo valor e astucia de Affonso Henriques. A natureza parece haver collocado alli como vigia e atalaia dos territorios corcanos.

Para o norte é mais rapida a escarpa do que para o sul, e para o nascente o cabeço de Marvilla está tão cortado a pique, que parece quasi dependurado sobre o Tejo.

Um pouco ao norte vê-se ao fundo, em baixo, assente á borda do rio, a povoação da *Ribeira*, — a antiga *Seserigo*? um pouco ao sul a pequena povoação de *Alfanje*.

Em tempo de cheias, como tem sido a presente quadra, quem do parapeto de Marvilla deita os olhos para um e outro lado, desdobra-se-lhe ante elles um espectáculo surpreendente. O valle do Tejo parece então um pequeno mar interior. São duas, tres ou mais leguas de agua de largura; campos, arvores, lavradios, pontes, motas, tudo quanto a vi-ta alcança desaparece pouco a pouco. Ao principio ainda se descobrem as motas, as pontes, as arvores; poucas horas depois já se não divisam senão as rammas d'estas, as guardas d'aquellas; no dia seguinte, apenas se descortinam as mais altas franças das arvores, como representa o bello desenho do sr. Malthôa. Ao principio a agua rumorosa e estrondosa, quando a cheia está na sua maior pujança o ruido é menor, começando ella a descer torna a ouvir-se o rumor incessante.

Os jornaes tem dado conta do progresso das cheias, a nós cumpre-nos apresentar o aspecto d'ella nos seus pontos mais caracteristicos.

Alli está a Ribeira de Santarem (pag. 36) cujas ruas e praças se acham cobertas d'agua. O transitto é feito por meio de barcos, para elles se entra das janellas das casas, e d'elles se sae para estas. No *Alfanje* (pag. 37) parecem as casas outras tantas ilhas. O caminho de ferro, que passa a um quarto da encosta, domina este espectáculo suberbo.

Noquelle inimitavel livro do nosso grande poeta Almeida Garrett—*Viagens na minha terra*—, depois do qual, segundo dizia Alexandre Herculano, Santarem é um pomo vedado, em que ninguém ousara tocar, acham-se recolhidas com o maior primor e singeleza de dizer as tradições relativas a Santa Iria, e ao seu martyrio, quer segundo a crenga popular, quer segundo as chronicas monasticas. Deixando pois de contar a historia da Santa, que todos poderão ler n'aquelle bello livro, diremos apenas que, sendo tradição que o seu corpo fôra sepultado no areal de Santarem, alli lhe mandou erguer Santa Isabel e el rei D. Diniz um padrao, afastando-se o rio para esse fim, segundo dizem as chronicas, e esperando que se concluise a obra. Depois cerrou-se e continuou a correr.

Em 1644 a camara de Santarem mandou construir de cantaria um novo padrao, para substituir o primeiro que se achava damnificado, e que a nossa gravura de pag. 36 representa, e não tem nada de notavel, scão estarem hoje n'elle marcadas as alturas das principaes cheias ultimamente conhecidas.

A respeito d'esto padrao dizia Garrett: «ainda lá está, assaz mal cuidado contudo; lá o vi com estes olhos peccadores no corrente mez de julho de 1843. Mas, sem milagre nem orações, o rio tinha-se retirado, havia muito, para um cantinho do seu leito, e o padrao estava perfeitamente em secco, e em secco está todo o anno até começarem as cheias».

O mesmo nos succedeu em agosto ou setembro de 1855, quando o vinho e tocamos, tambem sem milagre algum, e o mesmo succederá a quem alli fór fóra do periodo invernos.

O PONTO — O CONTRAREGRA

Estas nossas duas gravuras, desenhadas por Manuel de Macedo, representam os dois grandes colaboradores obscuros de todas as obras dramaticas: um está escondido

INUNDAÇÕES EM SANTAREM



O TEJO EM SANTAREM (Desenho do natural por Mallôa)



PRAÇA DA ERVA NA RIBEIRA DE SANTAREM

(Desenho do natural por Mallôa)

dido na sua casinhola, como um cão de quinta, o outro, nunca sae detraz do bastidor, a dirigir a peça, como Deus dirige o mundo, sem ninguem o ver, mas com muito mais trabalho.

Entretanto, das mãos d'esses dois homens, das mãos, não, das linguas, depende o successo de todas as peças. Shakspeare, mesmo o grande Shakspeare, está á mercê da boa vontade d'esse sujeito comico, que passa as noites enterrado até á cintura nas gelidas solidões do pavimento inferior dos palcos, e d'esse atarefado con-

travegra que corre toda a santa noite de bastidor para bastidor, a dar a *deixa* a esta, a marcar a entrada d'*aquelle*, a recobrer a espingarda do *tyranno*, a entregar a carta á *ingenua*, a preparar a pistola no *gaián heroico*.

O Poeta! Ninguem o vê, mas todos o adivinham dentro da sua concha, e nos theatros portuguezes não é raro todos o ouvirem. E elle quem mastiga com a



SANTA IRIA NA RIBEIRA DE SANTAREM

(Desenho do natural por Mallôa)

sua voz monotona, igual, cochichada, todas as declarações ardentes d'amor que escaldam os beiços dos amourosos, e fazem palpar o coração nas primeiras ordens, os ditos de espirito, as boas facécias, que fazem arrebentar os colletes dos burguezes das cadeiras nas convulsões desengonçadas das grossas hilariedades, as tiradas eloquentes com que a rhetorica dos *desgenais* arranca uivos de entusiasmo ás platéas sedentas de boas fallas. Tudo aquillo que a ingenua suspira, que o galan balbucia, que o tyranno troveja e que o *discur* declama, passa primeiro pelos seus labios n'um rou-ran continuado e massador de asthima felina. Se o ponto um dia se caísse o namorado de joelhos aos pés da sua bella, ficaria sem saber o que lhe havia de dizer, o moralista austero e eloquente ficaria no meio da sua mais brilhante imagem, Hamlet não atinaria com o fio do seu monologo philosophico, Otello não teria para lago senão a indignação do socco, Alma viva emudeceria debaixo das janellas de Rosina e Orgon ficaria eternamente debaixo da meza.

A paixão, o odio, o espirito, a moral, tudo que ha na peça, é elle; é elle que inspira as phrases apaixonadas e as indignações terriveis, os bons ditos e os bellos discursos; não os inspira ponta-os, o que vem a ser o mesmo tanto no theatro como na vida. Todos nós temos mais ou menos o nosso *ponto*; ou escondido n'uma casinhola ferrada de veludo, ou metido no nosso coração, ou encaixado no nosso cerebro, ou vivendo a nosso lado, chamando-se ou instinto, ou sentimento, ou intelligencia, ou conveniencias sociaes, ou espirito santo d'orelha, mas pontando-nos todas as nossas fallas e todas as nossas acções!

O CONTRAREGRA tem uma missão muito parecida com a do *ponto*, mas muito mais trabalhosa; é o *ponto* das rubricas, é elle que diz quando se ha de entrar em

INUNDAÇÕES EM SANTAREM



NO ALFANGE (Desenho de natural por Malbôa)

scena, que grita do bastidor a *deixa* a que o marido hade surprehender o traidor aos pés de sua mulher, e a que o galan hada arrancar das mãos do tyranno a ingenua quasi desmaiada.

É um trabalho terrivel, de uma grande responsabilidade, para que é preciso muita attenção e sobre todo muito pé. Tão depressa entra a grande *coquette* pelo primeiro plano da direita, é necessario dar a *deixa* ao pas nobre á esquerda alta, e logo a correr entregar as espadas ao *centro*, á porta do fundo. O *contraregra* é o contrario da velha *parca*: a *parca* dá-nos a *deixa*

Não ha ninguem que não tenha o seu *momento marcado*, para tudo, para fazer uma declaração d'amor, para pedir um logar d'amanuense, para se propôr a doptado, para pedir a mão d'uma rica herdeira, para entrar na camara dos pares; o essencial é saber a *deixa*. Muitas e muitas vezes não ha quem a dê; é d'aqui que vem todas as grandes catastrophes...

Essa grande companhia dramatica que se chama humanidade, está pois incompleta. Reclamamos para ella um *contraregra*.

G. L.

TYPOS DO THEATRO



O CONTRAREGRA



O PONTO

(Desenhos originaes de M. de Macedo)

TOMADA DE QUILOA

(Conclusão)

Senhor de Quiloa, D. Francisco foi aposentar-se n'umas casas que ficavam junto ao mar, e segundo os costumes do tempo, deu licença aos soldados que saqueassem a cidade, mas com a moderação que o caracterisava e de que deu provas n'esta sua primeira empresa, prohibi-lhes que pozessem fogo aos edificios, e que tudo o que achassem de valia fossem armazenando n'umas casas junto ás d'elle, para depois se repartir equitativamente por toda a gente da frota.

Acabado o saque, em que se recolheram muitas mercadorias e cousas de ouro e prata, e procedendo-se á sua divisão, da qual o capitão-mór tinha o direito de escolher primeiro o quinhão melhor, com grande assombro dos soldados e capitães, D. Francisco de Almeida escolheu para si apenas uma frecha, dizendo, com sublime simplicidade, que para elle capitão *aquillo abastava*.

O primeiro vice-rei da India principiou por dar admiraveis exemplos de abnegação e desinteresse. Para mal do dominio portuguez no oriente esses exemplos raras vezes foram seguidos.

Depois da victoria, o capitão mór armou alguns cavalleiros, entre elles Fernão Peres de Andrade, homem illustre que, além de grandes trabalhos na India, foi o primeiro portuguez que aportou ás costas da China, ajustando pazes com o rei de Cantão e desembarcando o primeiro embaixador europeu e portuguez que assistiu na cõrte do Celeste Imperio.

No dia seguinte deu-se principio á construcção da fortaleza ordenada por D. Manuel, para o que, além de officiaes de diferentes misteres que n'ella trabalhassem, iam tambem na armada materiaes já aparelhados.

N'esta construcção, dizem os contemporaneos, que trabalharam todos sem distincção de jerarchia, e até o proprio D. Francisco de Almeida e seu filho D. Lourenço muitas vezes conduziram n'uma padiola materiaes para a fortaleza.

A convite do capitão-mór, Mahamed voltou á cidade com a sua gente, do que não teve motivo para se arrepender.

D. Francisco declarou-lhe que o queria fazer rei de Quiloa, ficando sob protecção do rei de Portugal, a quem elle e todos os seus subditos prestariam obediencia e fidelidade.

Como Mahamed se conformasse com estas condições, o capitão-mór vestiu-lhe uma marlota escarlate forrada de setim, com alamares de ouro, e um capelhar do mesmo estylo, e montando-o n'um cavallo branco ajaezado á gineta, com arreios de ouro e prata, fel-o percorrer as ruas da cidade, ladeado de todos os seus a pé e precedido do interprete, o qual ia bradando em lingua arabe: *Este é o vosso rei e a elle deveis obedecer*, não se esquecendo todavia de acrescentar: *em nome d'al-rei de Portugal, Nosso Senhor, a quem todos deveis obedecer*.

Final subiu para um cadafalso improvisado sobre pipas vasias, todo embadeirado e alcatifado, e ali, á vista de todo o povo e nobreza, D. Francisco poz-lhe na cabeça uma corõa de ouro que levava para o rei de Cochim e acclamou-o rei de Quiloa, e Mahamed jurou ser leal ao rei de Portugal e pagar-lhe o tributo que já fõra lançado áquelle reino.

D'este auto tiraram-se instrumentos publicos em lingua portugueza e arabe, que foram assignados pelas pessoas importantes da cidade e da frota, e enviaram-n'os para o reino, onde o costumado desleixo os deixou perder, como tambem desapareceram umas tapeçarias que havia nos aposentos de D. Manuel, em que se representava a coroação de Quiloa.

Pacificada a cidade, e já adiantada a fortaleza, em que ficou um capitão com uma pequena guarnição de soldados, D. Francisco fez-se de vela para Mombaça, outra cidade da costa do Zanguebar, onde encontrou disposi-

ções ainda peiores e que tambem teve de tomar á força.

Conservámos por muito tempo o nosso dominio na costa do Zanguebar, mas afinal perdemos-o como quasi tudo o mais, e na costa oriental de Africa só nos resta Moçambique.

Este mesmo dominio, porém, já não está intacto. O seu limite ao norte era formado pela vasta bahia de Tungue, cuja posse nos fõra sempre reconhecida, e até 1834 o governo portuguez mantivera ali um posto fiscal.

N'essa data, em consequencia de desavença entre a auctoridade portugueza e o sultão visinho, — desavença que de certo não teve por motivo nenhuma frecha de ferro como aquella com que se contentou o primeiro vice-rei da India, — o posto fiscal portuguez foi banido d'aquellas paragens.

D'então para cá, ha uns vinte e cinco annos pouco mais ou menos, tenta Portugal, sem resultado, reaver a posse da bahia. Depende esta questão principalmente do potentado que dizem está para nos visitar, e que domina onde no seculo XVI já nos acolhiam com favor; isto é, com mais sagacidade que no resto da costa do Zanguebar.

Ultimamente, os senhores de Zanzibar tem tido por mestres em diplomacia os inglezes; cuja influencia ha muito substituiu ali a dos portuguezes. Em vista d'isto, é para nutrirmos poucas esperanças de reaver a bahia de Tungue, porque os inglezes devem ter esclarecido o sultão a este respeito, e os nossos alliados, honra lhes seja, são de uma perspicacia incontestavel a respeito das bahias que pertencem a Portugal.

A. M. DA CUNHA E SÁ.

UM DESENHO INEDITO DE BARBOSA LIMA

MONUMENTO DE THOMAR

(Continuado do n.º 71)

Explicado o desenho, resta-nos fallar de quem o executou.

João Barbosa Lima, que assim se chamava o nosso artista, nascera embalado na aurea mediania com que viviam seus paes.

Correra-lhe despreocupada a infancia.

Desabotoara-se-lhe risonho o alvorecer da adolescencia.

Tudo em volta d'elle lhe promettia rosas no porvir.

Dentro d'alma pullulava-lhe o sentimento do bello.

Accentuavam-se-lhe artisticas todas as suas tendencias.

Rompia-lhe lá no intimo o *quid ignotum*, que distingue e caracteriza os espiritos privilegiados.

E um pouco talvez por desfastio, um pouco, sem duvida, pela curiosidade natural de iniciar-se nos segredos da arte, — mas longe de pensar que n'essa iniciação alguma vez encontraria o recurso unico de sua subsistencia, — Barbosa Lima foi de tenros annos cursar desenho na Academia das Bellas-Artes em Lisboa.

Um dia, por subitos e inesperados revezes, entrou-lhe a miseria no lar domestico.

Seus velhos paes, que o haviam creado com tanto mimo e tanto carinho, viram-se de repente impossibilitados de repartir com elle uma simples fatia de pão.

N'aquella casa, outr'ora risonha, desafogada, feliz, reinava agora o infortunio, a penuria, a fome em toda a sua negra hediondez.

Contava o nosso artista por essa occasião dezeseis annos de idade.

Quem até alli tão mimoso fõra sempre da fortuna, ao vêr de subito ennegrecido e cerrado ante si o horizonte que d'antes tão deslumbrante lhe despontara, forçosamente deve ter

sentido uma d'essas commoções violentissimas e terriveis, só comparaveis ás que experimenta um fulminado!

Apezar, porém, da verdura dos annos, não sossobrou aquelle nobre espirito.

Encarou sobranceiro e corajoso a procella que lhe surgia em torno.

Buscou na intelligencia, com que Deus o illuminára, os recursos para sustentar seus paes.

E appellou para a tenacidade do seu caracter quando lhe occorreram as contrariedades e obstaculos com que sem duvida haveria de lutar.

Luctou effectivamente.

Nem, de resto, n'um paiz — onde tão pouco se cura de bellas-arts — ha que admirar que assim acontecesse.

E já avultados tragos tinham seus beiços provado na amargura das decepções, quando afinal lhe brotou a feliz idéa de ir procurar uma casa industrial, que por activa e laboriosa desfructava então justos e brillantes creditos sob a firma social *Castro, Irmão & C.ª*

Editava esta casa, por essa epoca, um semanario illustrado, o *Archivo Pittoresco*, que onze annos durou e que deixou de si a mais lisongeira memoria — não só pelos primorosos artigos com que n'elle collaboraram as pennas dos nossos primeiros litteratos, entre ellas o do fallecido visconde de Castilho, — mas inclusivamente porque servigos relevantissimos lhe deve a gravura de madeira em Portugal.

Os editores do *Archivo* perceberam que tinham deante de si um talento aproveitavel; descortinaram-lhe a paixão artistica; reconheceram-lhe, sobretudo, a vontade firme de trabalhar.

E ao desejo ardente que entreviram no manco, de estudar e progredir, tornando proficuos e fructiferos os conhecimentos adquiridos no seu curso da Academia, entenderam elles que a melhor maneira de corresponder, protegendo-o, seria apresentá-lo e recommendá-lo a Nogueira da Silva, para que este praticamente o encaminhasse e adextrasse no desenho com applicação á gravura em madeira.

Nogueira da Silva, porém, cujo *atelier* Barbosa Lima começou diariamente a frequentar, insinuou-lhe pouco tempo depois que mais valia, a quem precisava de colher com brevidade na pratica da arte os meios de subsistencia, dedicar-se de preferencia á gravura e pôr de parte o desenho.

Disse-lhe mais Nogueira da Silva, que de bom grado o ensinaria a gravar; fez-lhe vêr que havia poucos gravadores; pintou-lhe em perspectiva a urgencia, que breve se faria sentir, de artistas n'aquelle genero de trabalho; e, n'uma palavra, tão risonho e promettedor lhe agoirou o futuro n'esse novo ramo, que Barbosa Lima, ante o qual as exigencias materiaes da vida se erguiam constantemente como pavoroso espectro, acceitou ás cegas o conselho e sob as vistas de Nogueira da Silva começou a gravar.

Incompatibilidades, porém, de genios, suscitadas entre mestre e discipulo, acabaram por separá-os.

Barbosa Lima deixou de frequentar o *atelier* de Nogueira da Silva; passou a trabalhar sózinho na modesta casa em que habitava.

E o *Archivo Pittoresco*, em cujos editores o moço artista continuou sempre a encontrar o mais fagueiro acolhimento e a mais decidida protecção, entrou a publicar os primeiros productos artisticos de Barbosa Lima.

Alli se estreou elle em trabalhos de gravura; pouco, porém, perseverou n'esse campo.

As suas tendencias naturaes chamavam-n'o de preferencia para o desenho, e ao desenho voltou.

As paginas do *Archivo* continuavam a estar-lhe franqueadas; n'ellas entraram portanto a saír publicados os desenhos do nosso artista, — desenhos que a principio se resentiam da incompleta educação fornecida pela nossa Academia de Bellas-Artes a seus discipulos.

Os primeiros desenhos de Barbosa Lima accusam effectivamente um que-quer-que-é parecido com a infancia d'arte.

— Em plena luz e sob a pressão de quatro garraforias ninguém tem medo. Vamos aos telegrammas?

Deitámos caminho do mosteiro, e entoando o *God save the queen* apparecemos ante o portal gothico do templo. F. gritou-me zombeteiramente.

— Adeante! Era elle quem tinha medo.

Subi adiante direito ao côro. Na fita de papel, sempre em movimento e desenrolando-se com egual presteza no cylindro de aço annexo ao aparelho, o punção do receptor tinha escripto horas antes este telegramma:

«Paris 9, ás 10 horas da manhã. Terminou o prazo de 24 horas concedido aos Jesuitas de Paris, para sahirem das casas que occupavam e fecharem os cursos publicos que regiam. Hoje ás 11 horas, a policia fará despejar todos os estabelecimentos da Companhia de Jesus. Recebam-se disturbios. O prazo de 13 dias foi cedido aos estabelecimentos da mesma ordem em actividade em toda a Franca.

— A padralhada vae ficar fulla! gritou F. O que dirá padre Kurpi respeitavel e escanhoado director espirital de minha tia baroneza? Eh! que vae tudo razo!

— Uma hora. Isto enfastia. Vamos ás ostras.

— Não vejo inconveniente, disse o conde com um jogo de hombros. Vamos lá.

— Se passar algum telegramma, o punção deixa na fita escripto o que houver.

Deseemos aos rochedos e das rochas á areia. A maré enchia — uma agua crystallina e tepida do sol no zenith acariciava lubricamente as barbaças das caristides d'alga que á bocca da gruta faziam carantonhas.

— Já fizeste a digestão? inqueriu F.

— Já e tu? E o banho está tão patife!...

— N'esse caso atiremo-n'os á agua.

— Vá feito.

Em cinco minutos, as nossas cabeças saiam á flôr do oceano como as d'esses tritões alegres que nas estampas rodeam os carros em concha dos deuses marinhos. Nadavamos a distancia em frente da caverna, que vista d'aquelle ponto tinha as mais singulares parecências com uma bocca de reptil descommunal.

— Repara, dizia eu apontando. Aquella fita de areia clara que forra a entrada é como um beigo estendido. Depois, logo as primeiras pedras aguçadas compõem a porção incisiva e canina da dentadura. Olha para o fundo. Vês as estalactites conicas que descem do tecto? São os dentes do corcodillo com fome: olha mais para o fundo, aquella arcada incompleta — é a guella. Lá tens a uvula, o côo da bocca retalhado de sulcos negros. Agora olha para cima da bocca. Vês aquella buracaria em triangulo? Primeiro temos as narinas, ferozes e dilatadas. Nas horas de borrasca a agua esguicha por ali como dos respiros de uma baleia. E os olhos, tão profundos e sem orbita! Depois temos a cabeça toucada do barrete gothico do mosteiro.

— É original! dizia F. reparando.

— É terrivel, juntei eu.

Continuamos a nadar. Um zumbido de vida



JOÃO BARBOSA LIMA (Segundo uma photographia de Mairão)
Viôo artigo Um desenho inédito de Barbosa Lima

exuberante sahia da agua. De cabeça estendida, eu olhava a caverna. Parecia-me ter notado um movimento lateral de maxillas na estranha bocca do inferno. O monstro triturava. Diabo!

Ri-me d'ali a pouco do poder da minha imaginação, irritada ante aquelle scenario de titans.



SOBA DE QUIOCA N'DUMBA ATEMBO

(Segundo desenhos dos exploradores Capello e Ivans)



N'DUMBA CHIQUILLA, ÉSTE DO CU-ANGO

A faisciação do astro vestia o cetaceo do mar n'uma couraça de relampagos e uma rede de ouro amoldava-se á ondulação do monstro respirando. Mas então notei que as estalactites oscillavam e as fauces do antro se uniam n'uma estrangulação de raiva. D'essa garganta formidavel de agonizante um oceano arremessou contra nós montanhas de agua negra fervilhando em espuma sulfúrica.

A violencia do jacto foi tamanha que, ambos nós, eu e o conde, fomos morder a areia do fundo, distantes da caverna como estavamos.

Das entranhas da terra sahiram rugidos como se o mundo fizesse derrocada — vimos mecher o convento, abaterem-se as flechas das torres, desabar a abobada com fracasso indiscriptivel — a vaga atirou-se raivando de encontro aos destroços como um colosso aos peitos de um vencido. E meia hora depois, no sitio do mosteiro assentava a pyramide torva dos destroços sobre que as gavotas aos gritos descreviam as suas espiras fatidicas.

Chegado á praia e envergado o fato, o meu primeiro cuidado foi vêr as horas.

— Tres e meia! A derrocada tinha portanto sido ás tres, no dia 9 de junho de 1880.

O conde chegou a casa sem poder fallar. Nunca assistira a espectáculo mais grandioso. Nem o incendio do Banco.

Dias depois, um creado da quinta veiu trazer-nos intacto o receptor que podera salvar nas ruinas e um bocado de papel onde estava escripta a punção o seguinte telegramma:

«Paris 9, ás 3 da tarde. Completou-se em Paris a expulsão dos jesuitas. O povo assistiu sem protesto ao cumprimento dos decretos da republica. Reina socego.»

Pois que o povo era indifferente, a pedra quizera protestar derruindo, contra essa lei que affugentava implacavel as tristes ovelhas do Senhor!

FIALHO D'ALMEIDA.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

CHRONICA MODERNA. — ANNO de 1881 *Revista Critica Illustrada*, director Gervasio Lobato, editor J. A. de Mattos.

Estão publicados os primeiros fasciculos d'esto interessante annuario, que se propõem a fazer a historia moderna de Portugal, criticada por diferentes escriptores da actualidade.

ALBUM DAS GLORIAS. — Desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Rialto e João Ribeiro, editor Justino R. G. Guedes, Lisboa 1881.

O n.º 15 ultimamente publicado, traz uma magnifica charge do sr. Pinto Coelho, desenhada por Bordallo e o artigo respectivo por João Rialto pseudónimo de um escriptor muito conhecido pela primorosa graça e elevado conceito dos seus escriptos.

HISTORIA DE PORTUGAL. — III vol. fasciculo 32.º, Empresa Litteraria de Lisboa. Este fasciculo publicado trata do reinado de D. Alfonso V e é illustrado com uma gravura de Alberto desenhada por M. de Macedo, representando. *O Infante D. Henrique em Sagres*. Esta obra recommenda-se a todos os respeito.

JORNAL OFFICIAL DE AGRICULTURA. — N.ºs 11 e 12 IV anno 15 e 31 de dezembro de 1880. Publica diferentes artigos sobre

agricultura e uma revista commercial com preços correntes de productos agriculas.

O INSTITUTO *Revista Scientifica e Litteraria* — Vol. XXVIII. Dezembro de 1880, segunda serie n.º 6 Coimbra. Insero artigos de muito merecimento sobre sciencias e litteratura, recommenda-se por isso a todos quantos prezam as publicações sérias e de verdadeira instrucção.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMENT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6